"SER NEGRO(A)" NA INFÂNCIA: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA COMO ENFRENTAMENTO AO RACISMO E VALORIZAÇÃO DA NEGRITUDE

Francisco Gabriel Pereira Nascimento Farias[1]; Jeannette Filomeno Pouchain Ramos[2]

[1]Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção - Ceará - Brasil, gabrielfarias@aluno.unilab.edu.br
[2]Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - Ceará - Brasil, jeannette@ufc.br

Introdução

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, onde são apresentadas algumas discussões sobre a importância da construção identitária (positiva) de crianças negras, como forma de enfrentamento ao racismo, partindo da valorização de traços e vivências da negritude.

A infância é uma das fases primordiais para o desenvolvimento pleno de um indivíduo, é a partir dela que as pessoas começam a estabelecer suas relações subjetivas e coletivas. Mediante as diversidades sociais, a infância é compreendida como algo plural, pois a vivência desse período é diferente para cada criança, dependendo de seus contextos.

Gomes (2019) dialoga sobre a raça na educação infantil enfatizando que as infâncias não estão isentas das violências sociais, pois desde muito cedo os marcadores já se evidenciam. Dessa forma, essa pesquisa estabelece uma investigação das questões que permeiam as vivências e existências das crianças negras.

A literatura demonstra que a identidade negra se constitui em meio a conflitos, tensões e processos de autonegação produzidos por uma sociedade que privilegia a branquitude. Fanon (2008) discute como o corpo negro é construído socialmente como objeto de inferiorização, enquanto Neusa Santos Souza (1983) evidencia o processo psicológico doloroso que acompanha as expectativas de branqueamento impostas às pessoas negras.

O objetivo desta pesquisa é investigar de que modo o racismo é percebido no desenvolvimento de crianças negras, sendo as questões de análises compostas pela: autoestima, (re) afirmação identitária e a proliferação de discursos racistas difundidos socialmente. As coletas de dados serão realizadas no projeto educacional Casa Encantada.

Metodologia

A abordagem utilizada para a elaboração deste trabalho foi a qualitativa, sendo realizado o método bibliográfico como aporte para as discussões e fundamentações teóricas. Severino (2014) fala sobre como funciona esse método, segundo ele: "A *pesquisa bibliográfica* é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos [...], como livros, artigos, teses etc." (Severino, 2014, p. 106).

Com relação ao universo da pesquisa, ela será desenvolvida no projeto educacional Casa Encantada. Esse projeto está localizado na cidade de Redenção no Ceará e atende crianças de 4 a 10 anos no contraturno escolar, por meio de vivências direcionadas às valorizações das infâncias em suas especificidades, base no antirracismo, antisexismo e na criticidade infantil.

Resultados e discussão

A busca dos resultados se configura por meio da apresentação de conceitos, discussões teóricas, e também práticas, sobre como as identidades das crianças negras são constituídas e percebidas socialmente. O recorte de raça no período da infância é enfatizado porque é desde cedo que os corpos são inseridos (ou não) na sociedade, é a partir de suas convivências sociais (em diferentes âmbitos) que as crianças conseguem constituir suas formações subjetivas e coletivas.

Santiago (2015) afirma que desde muito cedo as ideologias racistas são utilizadas como forma de opressão, que coloca a imagem do (a) negro (a) como negativa, impondo uma subalternização aos seus corpos, cabelos e culturas, através de um padrão com base na hegemonia branca. Tais ideologias são perpetradas também no universo infantil, pois, "desde cedo, muitas crianças negras passam por rejeição, discriminação e invisibilidade nos ambientes sociais." (Fiabani; Fiabani, 2020, p. 643).

Considerando essas contribuições, tais dinâmicas atravessam as infâncias, afetando potencialmente a forma como crianças negras constroem suas autoimagens, pertencimento e valor sobre si. A investigação, em como as crianças negras se percebem mediante suas negritudes, parte de uma análise do que é ser negro (a) desde a infância, compreendendo quais violências são atravessadas em suas autoestimas ocasionando uma possível autonegação identitária.

Como argumentam Bento (2022) e Carneiro (2005) padrões estéticos hegemônicos, centrados na branquitude, estruturam formas de violência simbólica que inferiorizam características negras, produzindo hierarquizações desde a infância. Essas violências são praticadas em diferentes locais, onde as crianças interagem entre si e reproduzem opressões racistas baseando-se na cultura do racismo, segundo Fiabani e Fiabani (2020, p. 636): "O racismo cultural é aquele em que o indivíduo traz internalizados preconceitos e estereótipos negativos referente a um grupo e tenderá a discriminar pessoas desse grupo."

O racismo, manifestado por meio de práticas e discursos opressores, acarreta consequências cruéis para as crianças negras, pois elas negam suas existências e anseiam alcançar o corpo, o padrão estético e a identidade de pessoas brancas, para que dessa forma consigam se encaixar nos padrões sociais estabelecidos e serem aceitos (as) (Cardoso; Bittencourt, 2024).

Ser aceito socialmente reflete na autoaceitação de um indivíduo e essa aceitação só é validada se estiver inserida nos padrões sociais que são estipulados para dissipar um poder político sobre os corpos. (Alves; Nogueira, 2023). Além da estética negativa, o corpo negro também é estereotipado com relação a predestinação a marginalidade, onde suas potencialidades são colocadas de lado e apenas sua cor define seu futuro. (Silva; Rodrigues, 2024).

Segundo Gomes (2019, pág.26) "A infância não é neutra e nem está blindada dos preconceitos e das discriminações." O racismo se manifesta na sociedade desde a infância, ocasionando exclusões e impactando as formações identitárias das pessoas marcadas pela negritude.

Gomes (2003) afirma que é um desafio para as pessoas negras do Brasil construir uma identidade positiva, pois muito precocemente a sociedade ensina que para um (a) negro (a) ser aceito ele precisa negar-se a si mesmo. Essa negação, advinda de outros (as) ou pela própria pessoa negra, estabelece um sistema de poder, que traz um almejo ao branco e abominação ao preto. "Assim, as crianças negras vivem diversas experiências que as levam a constituir uma autoimagem negativa." (Oliveira; Abramowicz, 2010, p. 212).

Além disso, compreender a formação identitária das crianças negras exige reconhecer sua importância na produção de significados sobre o mundo. A sociologia da infância, especialmente a partir de Corsaro (2011), argumenta que as crianças não apenas reproduzem práticas sociais, mas as reinterpretam em suas interações cotidianas, produzindo culturas de pares. Isso significa que o racismo não atua sobre sujeitos passivos: ele é percebido, sentido, incorporado e também contestado pelas próprias crianças em seus ambientes de convivência.

Por meio da implementação da educação antirracista, em diversos ambientes de convivência das crianças, é possível tornar as crianças negras protagonistas de suas formações identitárias, com base na estética e projeções de futuro, além de que a problematização desta violência ajuda a sociedade a se desvincular da cultura do racismo, que normatiza a opressão e a subaltenização dos corpos negros.

Conclusões

Com base na revisão de literatura, a princípio, podemos apontar que as crianças negras, em suas subjetividades, perpassam por dificuldades em suas formações identitárias, por intermédio das estruturas racistas presentes em diversos âmbitos de convivências, pelos padrões de beleza que se fundamentam em bases nos traços da branquitude, ocasionando assim, um impacto negativo na formação do que é "ser negro" nos primeiros anos de vida de uma pessoa, onde ocorrem interferências diretas no desenvolvimento dessas crianças que são violentadas desde cedo, por um sistema que constantemente os marginalizam, por meio de discursos de ódio e de subalternização.

Palavras-Chave: Corpos; Crianças Negras; Desenvolvimento Infantil.

Referências Bibliográficas

CARNEIRO, Aparecida Sueli**. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

CIDA, Bento. **Pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 148p.

CORSARO, William. A**. Sociologia da Infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2011

FIABANI, Adelmir; FIABANI, Tainá. **A dor do inocente: Implicações do racismo para a criança negra.** Revista Diversidade e Educação, Rio Grande do Sul, v.8, n.2, p. 628-647, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Raça e educação infantil: à procura de justiça**. Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 17, n.3, 2019.

SANTIAGO, Flávio. **Hierarquização e racialização das crianças negras na educação infantil.** Leitura: Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, v.33, n.64, p.31-47, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23ª edição, São Paulo: Cortez, 2014.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascenção social** / Neusa Santos Souza. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.